

PROJETO GUIGNARD

José Pio, ex-funcionário da Alcan, é artista plástico e morador em Ouro Preto. Entrevista realizada no dia 24 de julho de 2001, em sua residência.

Gélcio: Gostaríamos de saber como era o seu relacionamento com Guignard.

José Pio: Na década de 60, meu contato foi o de vizinho, meio distante. Ele morava no Antônio Dias com um chofer que veio para cuidar dele e da casa. Na cidade, tinha muito relacionamento era com o Roberto Lacerda e o irmão, Arthur.

Gélcio: Você se lembra de Guignard pintando?

José Pio: Cheguei a vê-lo pintando pela cidade umas duas vezes. Ele, com o cavalete, em frente à sua casa. No mais ele ficava era esperando as meninas saírem da Escola Normal para conversar, brincar com elas. Dizia que eram suas noivas. No *Toffolo* não fazia nada, ficava bebericando qualquer coisa. Era entrar no restaurante e lá estava ele, sentado. Ficava perto da porta. Não trabalhou muito depois que veio morar em Ouro Preto.

Gélcio: Porque estava doente, mais velho?

José Pio: É, talvez ele já estivesse cansado. Eu me lembro que ele fez um retrato da filha do Artur Lacerda. Quando morreu, a família tentou recuperar a obra, mas não conseguiu. O único trabalho que eu vi foi esse retrato e era bastante expressivo. Também tinha uma revista com fotos das portas pintadas do Hotel de Itatiaia, trabalho de qualidade, mas que eu não admirava. Eu o aprecio na sua fase acadêmica.

Gélcio: Guignard conviveu com os artistas de Ouro Preto?

José Pio: Sim, e era respeitado por eles. Mas poucos viviam aqui. No meu caso, em particular, ocorreu um fato que teve como consequência o receio de estabelecer contato com artistas de fora. Quando era moleque, o Genesco Murta ficava pintando no chafariz e na Ponte de Marília. Ao se aproximar uma criança, molhava o pincel no querosene e jogava com agressividade. Era mal humorado. Anos depois, convivi com ele um pouco, uns dois anos e chegamos a ter certa afinidade, na sua passagem rápida por Ouro Preto, pois residia em Belo Horizonte. Por causa das atitudes do Genesco passei a ter medo de chegar perto de outros artistas, de uma possível reação agressiva. Mas Guignard era diferente, um homem fino, bem educado.

Gélcio: Você acha que Guignard se relacionava bem com as pessoas da cidade?

José Pio: Não, ele tinha o ambiente dele. Tinha uns professores de escola e muita gente do Grande Hotel que convivia com ele, a turma da Rua das Flores. Mas aqui no bairro não era tanto. O Antônio Dias é um lugar de pessoas simples, tímidas. E não era todo mundo que tinha disposição para chegar perto de um artista como Guignard. Havia o medo de não ser bem recebido. Mas vinham pessoas de fora, que tinham interesse nas coisas que ele fazia. Como se diz: “Vamos pegar porque isso vai valorizar”. Gente daqui era pouca.

Gélcio: As pessoas falam que Guignard assustava um pouco, por causa da voz, do lábio leporino...

José Pio: Não concordo. Aqui em Ouro Preto já houve casos piores que o dele. Havia um homem que tinha o olho caído, o rosto deformado...

Gélcio: Era um pintor japonês?

José Pio: Era o Takahashi. Ele teve câncer no rosto e fez uma placa de massa para tapar a cicatriz. Cicatriz não, era uma fossa mesmo, mas ele tinha uma educação fabulosa.

Gélcio: E Takaoka, também foi desse período?

José Pio: Era da mesma “leva” do Takahashi.

Gélcio: Eles foram amigos de Guignard?

José Pio: Não, Guignard estava em Belo Horizonte nessa época, eu acho. O Takaoka era muito mal humorado, ainda mais quando bebia. Então ficava muito mal educado. Deixava o material nos botecos, a gente recolhia e guardava. Uma vez Takaoka estava desenhado a igreja de Antônio Dias, sentado sobre um parapeito que existia numa casa próxima. Tomou um pileque, deitou, ficou tudo lá. Quando ele acordou e, ao ver que eu havia guardado o material, disse: “Oh, mas eu gosto tanto daqui”. Mas não gostava se alguém chegasse perto para desenhar, para trabalhar com ele, isso não admitia.

Gélcio: Parece que Guignard era mais afável...

José Pio: Guignard teve educação, teve preparo. O outro não tinha, era um operário que conseguiu ascensão social através da pintura.

Gélcio: Você e alguns amigos formavam um grupo diferenciado de pintores na cidade?

José Pio: Sim. Vandico, Arthur Lacerda - o Catu, Zé Wood e Eugênio Diogo. Fizemos juntos muitas exposições. Um delas foi no Centro Acadêmico da Escola de Minas, mas outros pintores participaram: a YaraTupinambá, a Cremilda, que trabalhava na Alcan. Acho que o Roberto Lacerda e o Fabinho também.

Gélcio: Quer dizer que esse movimento de exposições começa então, depois de 1960, já próximo ao lançamento dos Festivais de Inverno em Ouro Preto?

José Pio: Depois que começamos é que alguém teve a idéia de fazer exposições. A do Centro, foi a Yara quem organizou e que, posteriormente, expôs os trabalhos em Belo Horizonte.

Gélcio: Aqui no bairro, o que se comentava sobre o Guignard?

José Pio: O comentário é que ele bebia bastante. Uma vez eu estava com um amigo, o Levi. Guignard chegou, sentou, conversou conosco cerca de uns dez minutos e nos convidou para irmos à sua casa. Foi a única vez que tive contato direto com ele. Não rendeu muita coisa, acho que ele nem sabia que eu era ouro-pretano. Para ser franco,

senti muito não ter aproveitado a proximidade da sua presença para trocar idéias e experiências. Tinha muita gente que o cercava, como se dissessem: “Guignard vai ficar só por nossa conta”.